

*Pe. Martiniano
Francisco Pinto*



“Aquele que me enviou está comigo e não me deixa sozinho, porque eu faço sempre o que lhe agrada”

João 8,29

CARTA MORTUÁRIA DO PADRE MARTINIANO FRANCISCO PINTO

Aos prezados irmãos e irmãs da Família salesiana anunciamos o falecimento do Pe. Martiniano Francisco Pinto, ocorrido em Vitória, ES, no começo da noite de 08 de julho de 2009.

SEU AMBIENTE E FAMÍLIA

Aos 26 de junho de 1924, numa localidade denominada *Barranco Alto*, no município de Viana, ES, nascia o menino a quem deram o nome de Martiliano. Esse nome foi sugerido pela parteira e seu registro deu-se na sede do Município de Viana, ES.

Mais tarde, precisando de buscar junto do Cartório, cópia do original da certidão, constatou-se que o cartório havia sofrido um incêndio. Resultado: foi-lhe fornecida uma cópia em que se lia o nome: Martiniano.

A família de Martiniano morou em *Barranco alto* durante 26 anos. Ali nasceram os 12 filhos e ali foram criados. A família, nessa localidade, viu falecer três dos seus filhos: Maria, com 10 anos, Marcionílio, com 11 e Sebastião com 20 anos e que era o mais velho. Era grande a dificuldade para manter e cuidar da saúde dos filhos: falta de acompanhamento médico, e também de recurso para aquisição de medicamentos. Os pais se preocupavam com a alimentação que não era suficiente e muito deficiente do ponto de vista nutricional. O mais velho faleceu com muitas complicações, inclusive com anemia profunda.

Os pais compreenderam que precisavam dar uma melhor alimentação para os filhos. A morte do filho mais velho os deixou muito preocupados. Apesar do trabalho duro por parte de todos da família, as coisas só melhoraram depois que se mudaram para Boa Esperança, perto do Colégio Salesiano, junto da Vila de Virgínia. Os Salesianos se encontravam em *Virgínia*, hoje, Jaciguá, desde o ano de 1923. Vieram para cuidar dos Colonos italianos e da educação de seus filhos.

O ano de 1934 foi o ano da mudança. Os pais venderam o terreno do *Barranco Alto* e se mudaram para Boa Esperança. Naquele tempo era tudo do município de Cachoeiro do Itapemirim. Benedito, o irmão mais velho, ajudou muito a achar o lugar mais apropriado para a família morar e trabalhar. Por ali renovavam-se os cafezais e modernizava-se o cultivo de novas plantações.

Encontraram por ali a família do *Maximiliano Altoé*. **Ele era negociante e passava grande parte do tempo em Cachoeiro. Tinha plantação de café. Ofereceu o seu sítio para o Sr. José Francisco morar com a família.** Cuidariam da roça de café, repassando-lhe a meia da colheita. Deviam respeitar a mata e podiam plantar e colher o que quisessem. Sr. José Francisco e D^a Maria aceitaram o contrato e se mudaram logo para ali. Era início de 1934.

Os Salesianos, presentes em Jaciguá desde 1923, abriram escola e criaram um Oratório Festivo para a catequese das crianças.

Com treze anos incompletos, o garoto Martiniano, antes ainda de ser aluno da escola, tornou-se "oratoriano" do Pe. Olívio Giordano, do clérigo assistente, Ângelo Móser e do Professor, Irmão Armando Schalck. Matriculado, frequentou a Escola nos anos 1936 e 1937, como aluno externo. Ajudava a Missa bem cedinho e à noite a bênção do Santíssimo. Antes de terminar o ano de 1937 foi acolhido como aluno interno. Pe. Olívio intuiu nele o chamado de Deus.

A notícia de sua acolhida como aluno interno encheu seu coração de alegria. A família, os vizinhos, todos demonstraram o maior carinho pelo candidato ao aspirantado. Todos se prontificaram para ajudá-lo e apoiá-lo. Assim, com o apoio da comunidade, D^a Maria Francisca pôde comprar o tecido para a roupa. A costureira foi D^a Augusta, esposa do Sr. José Agrizzi. Era católica fervorosa, de muito bom coração e piedosa. Muito ativa e generosa pôs-se a preparar-lhe a roupa. Precisava ver com que alegria ela acolhia o futuro aspirante, dirigindo-lhe palavras de apoio e muita alegria pela decisão. O Senhor José era homem sério, observador e de muito bom coração. Não faltou de sua parte o gesto de apoio.

Concluída a confecção de toda sua roupa, no dia 29 de setembro, dia de São Miguel Arcanjo, às 5h da tarde, Martiliano se despede de seu pai, de sua mãe e irmãos. Com a mochila às costas, lá

vai o garoto de treze anos para o Colégio Salesiano de Boa Esperança. No pátio, pra lá e pra cá estava o Pe. Manoel Collazo rezando o breviário e falava, voltado para o menino: -“quem como Deus?” e deu-lhe um ligeiro tapinha nas costas. Sr. Armando o recebeu com alegria e o entregou ao assistente, Ângelo Móser. Era hora de limpeza e banho da tarde para os alunos internos. Os alunos estavam todos no dormitório. Foi aquela alegria ao vê-lo chegar como aspirante novato! O assistente mostrou-lhe a cama e Sr. Armando verificou seu enxoval. Desceram todos para o jantar e à noite, à hora da reza, Martiliano estava agrupado aos demais aspirantes. Recebeu as boas vindas do Pe. Olívio e dos demais uma boa salva de palmas. Nesse ambiente de muita alegria e simplicidade, Martiliano sentia-se muito feliz. Como interno aprendeu a observar as normas e regulamentos do tempo para seus deveres escolares e de candidato à vida salesiana. O tempo passou rápido.

Sobre o início de sua caminhada como resposta vocacional, assim nos falou ele: “no ano de 1937 já éramos 50 alunos no Colégio Salesiano de Boa Esperança, sendo 18 internos, que eram candidatos ao aspirantado de Lavrinhas. O Pe. Olívio visitava as capelas e ia procurando nas famílias algum menino que tivesse disposição para ir estudar no seminário salesiano. Eu era ainda aluno externo e estávamos no quarto ano, em número de oito.

O Pe. Olívio, o assistente Ângelo Móser e o Sr. Armando nos falaram muitas vezes de Dom Bosco, de Nossa Senhora Auxiliadora, de como era o Oratório de Turim, dos alunos como Domingos Sávio, Miguel Magone, Francisco Besucco. Isso ia despertando em alguns de nós a vontade de sermos também salesianos. Na segunda metade de agosto nós participamos de um Retiro Espiritual. Foi o Pe. Ladislau Paz, Diretor do Colégio Santa Rosa de Niterói que veio pregar. Muito alegre e comunicativo, gostamos da sua pregação. Pregou sobre as verdades eternas, contidas no nosso manual de devoção, o “jovem instruído”. Falou-nos explicitamente da vocação, do Aspirantado Salesiano de Lavrinhas, onde estudavam os aspirantes à vida salesiana.

Depois desse retiro, o Pe. Olívio, o assistente Móser e o professor Armando cuidaram mais de nós, especialmente, nós do

quarto ano. Acabaram convencendo alguns que valia a pena se preparar para ir estudar em Lavrinhas no próximo ano. Eu fui um deles. O Senhor Ângelo falou com papai e mamãe. Eles gostaram da proposta e falaram em casa e todos os meus irmãos acharam muito bom. Papai e mamãe conversaram com o Pe. Olívio e ficou determinado minha ida com mais dois colegas do quarto ano: o Samuel Zandonadi e o José Barroso. O Pe. Olívio sugeriu à mamãe que eu deveria sair de casa e ir morar no Colégio para me acostumar. Também a mamãe começou a sair comigo e passando pelas casas, pedia uma colaboração. Nem todos ajudaram ou porque não queriam ou porque não podiam, mas a maioria das famílias colaborou com dinheiro ou com gêneros para serem vendidos.

Eu vou sempre lembrar, emocionado e agradecido, a coragem e o sacrifício de mamãe nessa ocasião da minha preparação para o seminário salesiano. Além das caminhadas comigo, ela acompanhada de papai venderam relógio e jóias de família e até a única vaquinha que mamãe possuía. E mais: os dias que mamãe determinava para a turma dos meus irmãos irem arrancar mandioca e fazer farinha. Foram feitos e vendidos vários sacos de farinha. Eu era corajoso, mas estava muito longe de ser humilde e generoso quanto papai e mamãe...”

Ele tinha treze anos, completados no dia 26 de junho desse ano de 1937. Era quinta-feira, festa da Epifania, 06 de janeiro de 1938. Houve missa festiva na Matriz e ele ajudou o Pe. Olívio. De tarde, às três horas, descia o Noturno de Vitória para o Rio de Janeiro. Tomaram esse.

Na comitiva foram levados mais dois outros colegas: o Samuel Zandonadi e José Barroso Motta Júnior, para o seminário salesiano de Lavrinhas, o Colégio São Manuel. Partiram no dia 06 de janeiro, de trem e ali chegaram no dia 8.

Ali, em Lavrinhas, SP, de 1938 a 1941, Martiniano fez o aspirantado ou seminário menor. Para ali iam todos os meninos que queriam ser padres, desde o Rio Grande do Sul até o Espírito Santo. Toda essa extensão formava a Inspetoria de Nossa Senhora Auxiliadora.

Em Lavrinhas, muita animação: participação em teatro, música, companhias religiosas, recitais, certames de catecismo. Nos

certames Martiniano conseguiu classificação entre os primeiros, segundos e terceiros lugares.

Mas nesse tempo ficou três anos sem ver seus pais.

Em 1940, Martiniano tinha 16 anos. Seu irmão Francisco, ferroviário de Virgínia, agente de Estação e Telegrafista da Leopoldina, passou por Lavrinhas e ficou em São Paulo, na Lapa, onde ficavam alguns aspirantes para irmãos coadjutores. Fez isso estimulado pelo então Pe. Orlando Chaves. Francisco¹ permaneceu só esse ano de 1940 ali. Acabou voltando para sua profissão e emprego, em Virgínia.

1941 – Martiniano tinha 17 anos. Vida apertada, especialmente nos estudos: salvavam-no a piedade e a grande vontade de ir para frente. Valia muito também, existência de festas, teatros e passeios. Este foi o ano de preparação mais intensa para o noviciado. Nele se exercitava em fazer o “rendiconto”, colóquio com o Pe. Diretor. E se conversava sobre saúde, estudos e vocação.

1942- Ano de ingresso no Noviciado. “Noviciado” palavra mágica, animava e fortalecia a esperança. Degrau especial para alcançar o ideal: ser salesiano! Cinco anos sem ver os pais! Muita dor e muito sofrimento. Martiniano disse que oferecia tudo isso para perseverar na vocação.

O noviciado ficava no Bairro Ipiranga, na cidade de São Paulo. Seu Mestre foi o bom e santo salesiano, Pe. Gastão Mendes. Confessores eram o Pe. Faustino Beloti e o Pe. Constantino Zaicowski. Pe. José Jane, conselheiro e administrador e os seus assistentes foram o Adolfo dos Anjos e Gervasio Bassini.

Durante o noviciado, Martiniano exercitou sua habilidade, tocando harmônio na bênção do Santíssimo. O estudo, durante o noviciado era muito empenhativo. Havia muita exigência pelo cumprimento do dever. Alguns noviços não escondiam a tensão. Martiniano disse que no correr do ano ele perdeu 10 quilos. Mas não perdeu sua vocação! Relata: “aprendi a cultivar valores internos de espiritualidade salesiana, cultura religiosa, mas – confessa com humildade – infelizmente, não perdi muito dos meus defeitos!

¹ Aposentou-se e morreu como ferroviário, em outubro de 1994.

Vivíamos cercados de muros e paredes externas. Mas quem cercava os olhos e a fantasia interna? Não nos faltou tempo para oração, penitência, leituras, conferências, retiros, festas, comemorações, o grandioso Congresso Eucarístico Nacional de São Paulo! A Bondade, a Misericórdia do Senhor foi muito maior que os nossos pecados". Aos 31 de janeiro de 1943, depois de um retiro de 10 dias, com mais 27 companheiros, professou seus votos temporários na Congregação dos salesianos de Dom Bosco. Tinha 18 anos!

Poeta?!...

Pe. Martiniano, SDB

*Meu sonho de ser poeta,
Fazendo versos de amor
Só me deixa a mente inquieta,
Voando qual beija-flor!*

*Conto os anos que passaram,
Sem versos e sem canções...
As musas silenciaram,
Não têm mais inspirações?!...*

.....

*Até que a celeste musa,
Lá do céu se inclinou
E os suspiros não recusam
Do seu poeta e cantor!*

*É sublime, é grandioso
O tema desta canção.
Quase entoá-la não ousou,
Estremece o coração!*

*Invoco os vates sagrados,
Percorro os salmos com ardor.
Os lábios já inflamados,
Querem entoar o louvor.*

*Louvai a Deus, criaturas,
Ao Altíssimo louvai.
Louvai-o e nas alturas
Do firmamento cantai!!*

*Louvai, santos, no infinito,
Glória, louvores cantai.
Ao nome de Deus bendito
Ações de graça entoai!...*

.....

*Há setenta e oito anos,
Inquieto menino nasceu.
Nas terras do Espírito Santo,
Sua infância transcorreu.*

*Aos onze anos chegado,
Grande graça o envolveu.
De Jesus o pão sagrado,
No coração recebeu.*

*Graça maior lhe adveio:
A graça da vocação.
Sentiu de leve um anseio
De ser padre, sim, ou não!...*

*Deixar tão cedo a família,
Papai, mamãe e irmãos?!...
Não seria uma armadilha
De cobiça e ambição?!...*

*Oh, não! que as vozes amigas,
Dos padres e professores,
Incentivos de colegas,
De amigos e benfeitores,*

*Diziam: "Vai sim, menino!
Pois és bom e talentoso!...
Vai, enfrenta esta parada!
Sê valente, corajoso!..."*

*Mãe Maria, Pai José,
Padre Olívio, sábio e bom!
Mestre Armando e sua fé
Vê de Deus um grande dom!...*

*Tinha mais dois companheiros:
O Barroso e o Samuel.
O Seminário, LAVRINHAS!
COLÉGIO SÃO MANOEL!...*

.....
*Foi bem no seis de janeiro,
A festa dos Santos Reis.
Com Padre Olívio viajamos,
Partindo no trem das três.*

*Padre Orlando, em Niterói,
Sorrindo nos recebeu.
Aldo Maia companheiro,
Por colega ele nos deu.*

*A viagem prosseguindo,
Desde o Rio de Janeiro,
Ao meio dia atingimos
Nosso ponto derradeiro.*

*Ali estava LAVRINHAS,
O nosso SÃO MANOEL!
Era um grande Seminário
De vocações um vergel!*

*O Padre Agenor nos sorria,
Era ele o Diretor
Outros Padres e Assistentes
Todos com graça e amor!*

*O dia seguinte, o Domingo,
O nosso dia primeiro,
De vida no Seminário,
Nosso novo paradeiro!*

Bem quase duas centenas
De aspirantes ali havia.
Duas divisões apenas
Na vida os dividia.

Moços fortes e robustos,
A divisão dos maiores.
Meninos e adolescentes,
A divisão dos menores.

Os padres e professores
Viviam em nosso meio,
Dando aulas e assistindo
As divisões no recreio.

Aos colegas que inquietavam
Um pronto remédio havia:
O trem da Central os levava.
"FUMO" assim se dizia!...

As aulas eram gostosas.
Muito bons os professores.
Os Padres e Assistentes,
Eram mestres e doutores!...

Padre Sílvio no Latim,
Padre Fausto em português
O Fêder na matemática,
O Mario Reis no francês!

No desenho o "padre santo"
O RODOLFO KOMORECK!...
Que figura tão austera,
Lembrava MELQUISEDEC!...

Quatro anos transcorreram,
Vivendo neste jardim!...
Sabedoria e virtude
Cresceram dentro de mim!...

.....

Quartoanista é candidato
Para ir ao Noviciado.
Se não voltar para trás,
Largando mão do arado!

Foram muitos os chamados.
Poucos foram os escolhidos.
Pra vida de consagrados,
Livres e comprometidos!

O ano quarenta e dois
Ficou marcado na vida
Dos novos salesianos
Da Congregação querida!

Vinte e sete néo-professos
De clérigos e coadjutores!
Pra Congregação e pra Igreja,
Somos colaboradores!

Nota: Lema da turma era: "DEI ENIM SUMUS ADJUTORES!"
("Somos colaboradores de Deus!")

Em Lorena, SP, nos anos de 1943, 1944 e 1945 fez complementação de estudos clássicos, com Filosofia e também princípios de Pedagogia, com dezenas de matérias. Esses anos de estudos eram bastante sérios, apertados, com carradas de tarefas. Tinham em vista preparar o educador: assistente-professor. Martiniano achou esse tempo muito agradável e feliz. Eram muitos os colegas. Exercitavam-se na música com instrumentos e coral. Teatros, operetas, academias com declamações. Para Martiniano tudo isso foi oportunidade excepcional para seu crescimento e preparação para seu trabalho futuro, na educação e pastoral. Apreciava muito a existência de ótimos professores. No período de férias havia passeios muito agradáveis, como os realizados à cidade mineira de Caxambu.

O PERÍODO DO TIROCÍNIO

No final da Filosofia, em janeiro de 1945 ele e seus companheiros renovaram seus votos religiosos. Carregavam uma forte expectativa, pois iriam enfrentar a difícil etapa do Tirocínio em que deviam dar aulas e assistir aos adolescentes e jovens.

1946 – Nesse ano, estando ainda em Lorena, recebeu do Pe. Orlando Chaves a primeira cartinha de obediência. Todos seus colegas a receberam. O Diniz José da Silva, seu colega, a recebeu com a mesma designação que recebera o Martiniano: Os dois deveriam ir para São Paulo, onde seriam assistentes no Liceu Coração de Jesus. Arrumaram-se e foram logo. Corria já o dia 20 de janeiro. O Pe. Orlando chegando ao Liceu, encontrou-se com o Martiniano no pátio e lhe disse: “você não ficará no Liceu. Você deverá ir para a cidade de Rio Grande. Ali você será assistente e professor, no Liceu Leão XIII, Colégio Salesiano profissionalizante.” Disse-lhe que fosse logo, aproveitando a companhia do Pe. Braz Cezarovics, que ia trabalhar em Bagé. Martiniano sentiu o sacrifício que a obediência estava exigindo dele, tendo que ir para tão longe e sem obter permissão de ir antes até Virgínia, no Espírito Santo, para visitar seus pais, dos quais ele se encontrava ausente havia já oito anos, desde 1938. Pensou consigo mesmo: talvez seja o último grande sacrifício pra

seguir a minha vocação e foi, conforme a ordem recebida. Partiu logo. Começou seu trabalho com valentia e disposição. Dos meninos ganhou logo o apelido de "japonês". O Colégio tinha 400 alunos externos e 70 internos. Estes ficavam sob seus cuidados, dia e noite. Disse que o Pe. Anacleto Girardi o ajudava muito e de vez enquanto ficava com os meninos para ele descansar um pouco.

Nessa Casa, Martiniano permaneceu por três anos: 1946, 1947 e 1948.

No fim do ano de 1948, pôde ir para Campos do Jordão com os estudantes de teologia. De onde seguiu para Pindamonhangaba. Junto com os noviços fez o retiro, no fim do qual pronunciou os votos perpétuos, consagrando-se definitivamente na Congregação Salesiana.

MARTINIANO, ESTUDANTE DE TEOLOGIA

Feitos os votos perpétuos, ingressou na Lapa, São Paulo. Era o ano 1949. Aí passou os anos de 1949, 1950, 1951 e 1952. Segundo ele foi um dos melhores períodos de sua vida, porque adulto, consciente, com saúde, fazendo o último curso de estudos para ser sacerdote salesiano, o grande sonho de sua vida! Ambiente muito rico em pessoal, com colegas do Norte, do Mato Grosso, Centro, Nordeste e Sul do país. Ainda, afirma: "sentíamos como homens de Igreja, unidos com o Papa, bispos e superiores. Havia uma biblioteca muito boa e toda dos estudantes. Tudo concorria para a formação e capacitação pessoal."

Aos domingos trabalhava-se com as crianças e jovens dos Oratórios Festivos. Martiniano trabalhou no Oratório da Lapa e Bom Retiro. Com um menino do Oratório Martiniano aprendeu um pouco de violino. Chegou a tocar em algumas missas no Santuário do Bom Retiro.

ORDENAÇÃO PRESBITERAL

Sua ordenação foi no dia 08 de dezembro. Eram 32 diáconos, destes, 22 salesianos. Foi na Catedral Provisória de Santa Efigênia, pelo bispo auxiliar, Dom Paulo Rolim Loureiro. Martiniano estava extremamente emocionado e chorou muito durante a celebração porque seu pai, o Sr. José Francisco Pinto, o maior apoio e incentivador da sua vocação junto com sua mãe, havia falecido doze dias antes, no dia 26 de novembro, em Jaciguá. Mãe, irmãos e parentes estavam de luto. Ninguém pôde ir à sua ordenação. Sentiu que não pôde participar da mesma alegria de seus colegas. Tinha certeza de que seu pai morreria feliz. Durante o mês de Outubro, Martiniano, já Diácono, diariamente lhe levava Comunhão. O pai esteve acamado desde junho, com problemas cardíacos e respiratórios. Tinha crises fortíssimas. Muitas vezes lhe colocaram a vela na mão. Mas a crise passava e o pai ficava aliviado. Foi um grande devoto do Coração de Jesus. Em coincidência, as crises lhe vinham, justamente, às sextas-feiras. Pela metade de Outubro sua mãe o alertou para retornar aos estudos no seminário. A ordenação estava próxima e Martiniano ainda dependia de alguns exames. O pai o abençoou, prometeu orações e afirmou que estava à disposição para acolher a hora de Deus. Assim, sabendo que não voltaria a ver seu pai, Martiniano, depois de ouvir de sua mãe: – “vai meu filho, você pertence a Deus mais do que a mim. Vai tranquilo para sua missão. Só peço a você que não abandone e não se esqueça de sua mãe!” – regressou ao Seminário para concluir seus estudos.

MARTINIANO, PADRE

No período inicial cumpriu o programa de estudos e treinamentos do quinquênio, determinados pela “Ratio”: Estudos de Moral, Dogma, Direito Canônico, Patrística e Vida Salesiana.

Dom Orlando Chaves, bispo de Corumbá, quando Martiniano ainda era Diácono, já o havia requisitado para trabalhar com ele, quando fosse ordenado padre. O Seminário da Diocese ficava numa

Chácara em Campo Grande, perto da Cidade e perto da Chácara onde funcionavam o Instituto de Filosofia e o noviciado da Inspetoria. Então, para Campo Grande, como professor e encarregado dos estudos no Seminário Diocesano, foi o Pe. Martiniano.

Nesse tempo em que Martiniano permaneceu em Campo Grande, sua mãe com os filhos Benedito e João, mudaram-se para Magé, estado do Rio de Janeiro, onde morava Francisco, outro irmão seu, ferroviário.

No início de 1963 foi transferido para Barbacena, em Minas Gerais, junto do Instituto Tenente Ferreira. Era uma Escola Profissional, onde estudavam e se formavam também os rapazes, Irmãos Coadjuutores Salesianos da Inspetoria São João Bosco. Contíguo ao Instituto ficava também o noviciado salesiano. Enquanto Pe. Henrique de Brito era Mestre, o Pe. Martiniano era o diretor do Noviciado, onde permaneceu até o final de 1965. Era Inspetor, o Pe. Pedro Prade. Propôs-lhe mudança para Jaciguá, do município de Cachoeiro de Itapemirim. Era o mesmo que perguntar se o sapo quer ir para a lagoa. Ali seria pároco da Paróquia de São João Batista e também professor dos aspirantes, vocacionados à vida salesiana. Martiniano pediu ao Pe. Inspetor que lhe permitisse levar consigo a Mãe, que ficara 14 anos em Magé. A mãe, viúva, contando já 86 anos. Acompanhando sua mãe, seguiu junto sua sobrinha, a Regina.

Em Jaciguá, amigas acolheram D^a Maria da Penha Pinto e a neta por dois meses. Depois foi preparada para ela e a neta uma casa pertencente ao Senhor Estanislau Altoé. Nela morou por dois anos. Pe. Martiniano ficava no Colégio, mas estava sempre muito perto de sua Mãe. Muitas vezes a mãe lhe fazia companhia nas idas às capelas, onde podiam encontrar outros parentes e amigos. Foram 14 anos juntos, até a festa dos 100 anos (1879-1979). Foi uma belíssima festa, com muita acolhida, abraços e bênçãos. Depois da festa, a espera da Cruz, a chegada da hora de Deus, que aconteceu na manhã de 28 de agosto de 1979!

Nos últimos dois anos tudo nela doía: braços, pernas, articulações, costas, era muito sofrer. Ela se consolava com a oração, a Comunhão diária e as visitas de gente de toda paróquia. Ela se

agradava mais com a visita das crianças, para quem sempre tinha algum agrado. Teve profissão de parteira, sonhava muito com crianças ao redor da sua cama. Acolhia a todos agradecendo e abençoando, deixando sempre uma boa palavra. Depois das festas dos 100 anos mudou o tom de sua oração: "já chega, Senhor, manda a minha hora, não aguento mais!" A hora de Deus chegou na manhã do dia 28 de agosto. Pe. Martiniano fora à reunião do Clero. Quem acompanhou os últimos momentos da D^a Maria da Penha foi o Pe. Raimundo do Nascimento Teixeira. Deu-lhe a última absolvição, com as condições para a indulgência plenária e a Bênção de Nossa Senhora Auxiliadora.

Em Jaciguá, o Pe. Martiniano permaneceu ainda o ano de 1980.

Em 1981, a obediência lhe indicou a paróquia de São João Bosco do bairro Riachuelo, no Rio de Janeiro, como administrador paroquial, onde permaneceu por três anos, portanto até, 1983.

A partir de então, recebeu a obediência como administrador paroquial na cidade e diocese de Campos, RJ, no norte Fluminense. Foram cinco anos: De 1984 até todo o ano de 1988.

De 1989 a 1995 a obediência lhe pediu presença como pároco na Paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora e Diretor das Obras Profissionais e Sociais Santa Rita de Cássia do Jacarezinho, Rio de Janeiro. Viveu sete anos ao lado do pioneiro e apóstolo, Pe. Nelson Carlos Del Mônico, grande batalhador e educador salesiano.

Nos anos de 1996 a 2000 todo, o Pe. Martiniano prestou serviço, com muito zelo, como Vigário Paroquial e Confessor, na Paróquia Dom Bosco, do Núcleo Bandeirante, em Brasília, DF. Durante esse quinquênio, para ele muito feliz, voltou a ser aluno. Nos anos 1997 a 2000 fez o curso de Graduação em Filosofia na Universidade Católica de Brasília.

Muito dedicado, esforçado, procurou seguir o ritmo dos jovens naquela Universidade. Foi uma grande festa a sua formatura, preparada com todo carinho da Comunidade do Núcleo Bandeirante.

Em 2001, segundo ele, "quase a modo de brincadeira apostólica", aceitou ir para a Inspeção do Nordeste, oferecendo uma colaboração verdadeiramente fraterna aos irmãos da inspeção de São Luís Gonzaga. Era sua intenção permanecer ali só um ano, pois o

ano de 2002 seria o ano de suas grandes festas: 50 anos de sacerdócio e 60 de vida Religiosa. Mas seu coração zeloso, diante da necessidade da Inspetoria, decidiu ficar mais. Pensou na Paróquia de Santo Amaro, de Jaboatão, grande e com muitas comunidades, muito trabalho e movimentos. Outra obra que lhe chamou a atenção foi a Matriz de Camaragibe, em Alagoas: região de monocultura canavieira, de praias lindas e atraentes, com um povo empobrecido e muita doença. Viu que naquele lugar teria bastante trabalho. Pensava cuidar da saúde do povo, da evangelização e alfabetização. Promover a catequese e a Liturgia, a piedade eucarística e Mariana, Sagrado Coração de Jesus e ADMA – Nossa Senhora Auxiliadora. Organizar Vicentinos para socorrer os pobres...

Em julho fez uma viagem a Brasília. Ali, juntou roupas, agasalhos, remédios e algum alimento, material para a catequese, alfabetização e evangelização. Trouxe consigo uma caixa de remédios urgentes e necessários que foram entregues ao Hospital.

Por exigências administrativas da Paróquia não pôde continuar com esses trabalhos. A pedido do Pe. Inspetor foi prestar sua ajuda em Jaboatão. Ali se adaptou, permanecendo o restante de 2001 e todo o ano de 2002, com trabalho, estudo e produção escrita. Dispôs-se ao atendimento das confissões dos noviços. Atendia também aos aspirantes de Carpina e aos estudantes de Filosofia.

CELEBRAÇÃO DAS BODAS

Quando aceitou ir para o Nordeste, já o dissemos, sua intenção era permanecer somente o ano de 2001. Em 2002 pensava voltar para a Inspetoria de Minas e celebrar as festividades do seu Jubileu Sacerdotal. Após os primeiros meses de trabalho, foi se convencendo, pela urgência da missão, de que iria celebrar seu Jubileu, parte na Inspetoria de Minas e parte no Nordeste. Assim, em 08 de dezembro de 2001 abriu as comemorações com Missas de Primeiras Comunhões na Igreja de Nossa Senhora da Conceição das Malvinas e centro Comunitário Belo Horizonte, na Paróquia de Jaboatão. A partir dessas celebrações, o Natal, Ano Novo, Semana Santa e outras festas

litúrgicas do ano 2002 tiveram essa coloração dourada do seu jubileu de ouro sacerdotal.

Em 2002, 08 de dezembro, manhã e noite, na igreja do Rosário, as celebrações foram as mais solenes e documentadas fotograficamente.

Em janeiro de 2003, foram celebradas missas "douradas." Dia 26, às 7h no Jacarezinho e às 19h no Riachuelo. Ambas com muita presença de povo.

Em 19 de janeiro, em Marechal Floriano, ES, seu jubileu trouxe um enriquecimento especial às celebrações de Bodas de Ouro matrimoniais do casal Hilda e Floriano Gonçalves, pois foi o primeiro casamento celebrado pelo neo-sacerdote padre Martiniano, na Igreja de Santa Ana, há 50 anos atrás.

Em Jaciguá, onde fora pároco por 15 anos, hoje paróquia dirigida pelos padres da Congregação Missionária do Amor Misericordioso, celebrou solenemente a Eucaristia, concelebrada pelo Pe. Javier Martinez. Foi numa 3ª feira, dia 21 de janeiro. Apesar de ser um dia de semana, houve uma fervorosa participação de muitos paroquianos e amigos.

Pe. Martiniano administrara essa paróquia por 15 anos e nela morou com sua mãe, D^a Maria Francisca da Penha, já viúva do Sr. José Francisco Pinto, na casa paroquial, ao lado da Matriz

DOIS ÚLTIMOS ANOS NO NORDESTE.

Em janeiro de 2003, após a festa de Santo Amaro, Pe. Martiniano foi a Brasília para cuidar de sua saúde: submeter-se a uma segunda cirurgia de catarata no olho esquerdo e fazer um tratamento de próstata. Entre preparação, cirurgia e tratamento, foram quase dois meses. Ao retornar, foi encaminhado para Passo de Camaragibe, de onde tivera que sair o Pe. Umberto Marcon. Pe. Martiniano não se preocupou com a idade, não se poupou. Dedicou-se a todo vapor. Sentiu que tinha que sacudir a cidade: as missas, as festas, a catequese, as associações, os jovens. Tinha que envolver as autoridades, as escolas, as professoras. Tentou reunir

alguns jovens da AJS e de CJC. No seu projeto, entendia que precisava preparar os jovens para trabalhar na Paróquia, formar as catequistas, arrumar livros, folhetos, estampas, campanha do Terço. Chegou a combinar com as Irmãs Paulinas de Maceió, um domingo – 17 de agosto – para um dia festivo de catequese, liturgia e vocações. Pensava mais à frente organizar uma experiência de Missão popular.

Mas no dia 17 de julho, Martiniano sofreu uma crise a que ele chamou de estafa. Dia 22 de julho, teve também um distúrbio de natureza cardíaca. Foram 48 dias! Pe. Martiniano percebeu e se conformou que após 80 anos de vida sempre ativa, “não podia pretender mais tempo da liberalidade de Deus! Já está chegando a hora de ir! Estou pronto – disse – quero dizer sim, Pai!”

Com a experiência de ter que deixar por duas vezes um projeto de Pastoral, Pe. Martiniano suspira: “2003 foi o ano errado da minha vida! Que a misericórdia de Deus venha em meu socorro e me ajude a acertar o seu final! SIM, PAI!” Era 02 de setembro!

Em 2004, desde 23 de Janeiro, permaneceu em Jaboatão, Colônia, Colônia Salesiana, São Sebastião, Noviciado.

Em razão da Angina-péctoris, teve que deixar o trabalho no Nordeste. Graças ao tratamento e às orações, cessou a dor do coração. Mas persistiu a dor de ter que deixar os amigos e amigas de Pernambuco. Nesse clima de saudade, comenta: “Não conseguimos compreender sempre as disposições divinas. Nossa obrigação porém é aderir a elas e adorá-las como fez Jesus: *Quae placita sunt ei faccio semper*” (Jo 8,29).

Em 2005 retornou à Inspetoria São João Bosco e sentiu-se feliz por vir compor a Comunidade Salesiana de Vitória. Chegou a afirmar que se encontrava num lugar privilegiado! Ainda mais que da janela do seu quarto podia ver bem perto os navios entrando ou saindo do porto. Foi logo logo visitar o Convento da Penha!

Pôs-se à disposição para celebrar diariamente, toda manhã, às 6h30 na capela semi-pública do Salesiano. Aos domingos celebrava também à noite. Muito assíduo ao atendimento das confissões. Muito pronto para visitar os hospitais, celebrar ali e atender aos doentes.

Muito pronto para atender aos chamados para celebração das exéquias.

Os irmãos salesianos, os leigos se deram conta de que, vez por outra Ihe falhava um pouco a mente. A consulta médica, os exames revelaram a presença do mal de Alzheimer e Parkinsonismo. Começou logo com medicação.

Em tratamento, não deixou de participar ativamente da pastoral sacramentária. Tinha vontade de assumir outras atividades, porém, suas condições vinham se apresentando limitadas. Assim, seguiu celebrando no correr do ano de 2007, mas precisava de muita ajuda. Assim foi, de maneira precária, até o mês de maio. Daí pra frente sua saúde se mostrava já bastante debilitada, precisando de um horário mais livre para se levantar ou deitar. Apresentava resistência para tomar os medicamentos, deficiência no controle alimentar.

Percebia-se que estava realmente debilitado. Isso o incomodava muitíssimo. Passou por vários períodos de depressão, com muitas lamentações. Clamava pela “Mamma”, a Auxiliadora! Olhava para sua estampa, tocava-a e chorava muito!

A partir de agosto de 2008 foi preciso colocar, durante 24 horas, um enfermeiro ao seu lado. Este Ihe cuidava quanto aos medicamentos e também para que não viesse a sofrer nenhuma queda e servir-Ihe de companhia, animando-o a fazer pequenas caminhadas, exercícios físicos, acompanhando-o e auxiliando-o para fazer da melhor maneira possível as refeições. Gostava de passear, sair de carro. Foi-Ihe dada oportunidade de passear várias vezes a Jaciguá, lugar onde sentia que tinha muitos amigos. Ali foi sempre muito bem acolhido, desejado. Como se sentia bem de estar na casa do casal, Antenor e Arlety Oliveira Gomes, almoçar com dona Páscoa. Aproveitava para rever alguns parentes.

Sua última ida a Jaciguá foi em maio deste 2009. Quis marcar outra ida para os próximos feriados. Não aconteceu!

2009 – 14 de junho, Domingo, Pe. Martiniano, pela manhã, concelebrou a Eucaristia na capela particular da comunidade salesiana. Proclamou o Evangelho com muito entusiasmo. Almoçou bem. À tardinha, acompanhado de seu enfermeiro, fez caminhada a redor do

campo de futebol. Com o corpo bastante ereto, diferente das outras vezes, acenava para os passantes, demonstrando bem-estar e muita alegria. No dia 15, pela manhã, demonstrava desânimo. A pressão estava baixa. Como tinha medicação adequada, fez uso dela regularmente. Mas na terça-feira, dia 16, não estava mesmo bem. Foi providenciado seu traslado para o Hospital CIAS da unimed. A médica o acolheu, encaminhou sua internação, marcou todos os exames. Ao seu lado permaneceu o serviço de enfermagem 24h. Os salesianos se revezavam fazendo-lhe visitas nos horários permitidos. Nos dias seguidos teve visitas de muitos parentes e amigos. Não recebeu alta porque o seu estado de saúde se mostrava bastante instável. Ele queria muito sair do Hospital e voltar para casa. A médica lhe deu toda assistência. Via que a instabilidade continuava, especialmente com intermitente dificuldade respiratória. Precisava manter o uso da máscara de oxigênio e o soro com o medicamento. Ele vinha fazendo resistência a esse tratamento. No dia 02 Pe. Gustavo Cola, acompanhado de Pe. Oscar de Faria Campos, lhe administrou o Sacramento da Sagrada Unção a que ele acompanhou lucidamente e respondendo a todas as orações. No dia seguinte, dada sua inquietação com relação ao tratamento, a médica achou por bem levá-lo para a UTI e em coma induzida, fornecendo-lhe todos os medicamentos necessários. Em todos os dias que esteve na UTI recebeu visita de um salesiano. No dia 08 de julho, na hora das visitas, Pe. Martiniano, visivelmente, parecia estar do mesmo jeito. Mas a Doutora nos disse que ele precisava submeter-se a uma diálise. Porém os batimentos cardíacos estavam muito aquém. Ela vinha fazendo alguns procedimentos em vista de colocá-lo em situação favorável. Às 18h, quando a comunidade salesiana se encontrava reunida em oração da tarde, veio o telefonema do hospital, pedindo presença de alguém da comunidade. Pe. Luiz José Vidal e Ir. Alcides Felício se dirigiram até lá. E ali chegando, obtiveram informação do óbito ocorrido às 18h05 minutos, por falência de múltiplos órgãos. A médica recomendou que o sepultamento deveria acontecer em tempo abreviado. No atestado registrou: "autorizamos sepultamento fora do horário legal."

Como parentes, amigos, pessoas da comunidade de Jaciguá se manifestaram desejosos de que o seu sepultamento acontecesse em Boa Esperança, cuidamos que fosse trasladado de imediato, dada a exigüidade do tempo, e o aconselhamento médico. Desse modo não pudemos permanecer com o corpo aqui em Vitória. Seguimos direto para Boa Esperança. Lá chegamos às 3h da manhã. Havia um bom grupo de amigos, da Comunidade, à espera. Apesar do frio, organizaram uma Vigília muito fervorosa. Às 10h da manhã, foi concelebrada a Eucaristia, houve concelebração da eucaristia, com cinco padres, presidida por Pe. Oscar. Feitas as homenagens, seguiu-se o sepultamento com o acompanhamento de enorme quantidade de pessoas.

Depois de tudo, encontramos em uma sua agenda de 2006 o disposto:

"Estou feliz hoje e dou graças a Deus. Salesiano há 62 anos. Padre salesiano há 52 anos. Idade, 82 anos. Vida nascida do piedoso casal José Francisco Pinto e Maria Francisca da Penha Pinto, sinto meu coração a bater e os meus olhos a apontar na direção de Boa Esperança, lá no município de Vargem Alta, que com firme decisão e algum sacrifício ajudei a criar. Lá na Boa Esperança onde, naquela colina sobre a estrada de ferro repousam piedosamente meus mestres Pe. Olívio Giordano, Coadjutor e Professor Armando Schalck, o cientista, filósofo e músico, professor e amigo, Pe. Roque André dos Santos.

É um cemitério da Família Salesiana porque ali estão sepultados casais cooperadores e benfeitores, senhores, senhoras, jovens, rapazes e moças, homens, trabalhadores do campo e das estradas, das pedreiras e das minerações, crianças, filhos e filhas das nossas famílias.

Ao colocar um ponto final nestes escritos da minha vida particular, faço um apelo aos meus superiores e aos meus irmãos salesianos: "Adorando os desígnios insondáveis de Deus sobre o tempo e a hora, sobre a forma e as modalidades do meu passamento, levem o que restar de mim para ficar junto dos meus mestres, que me conheceram menino e me fizeram irmão".

Pe. Martiniano Francisco Pinto, SDB, isto é, Salesiano de Dom Bosco.

Seguiu para a casa do Pai um irmão profundamente devoto da Eucaristia, de Nossa Senhora e de profundo ardor apostólico e missionário.

Com sentimento fraterno, recomendamos o carinho de todos, entrando em comunhão com nosso irmão Pe. Martiniano, chamado pelo Pai, Todo Misericordioso.

Pelos salesianos, paroquianos, amigos e amigas de Pe. Martiniano,

Pe. Oscar de Faria Campos
Diretor

Vitória, ES.

Dados para o necrológico Salesiano
Pe. Martiniano Franscisco Pinto
+ Vitória, ES, 08/07/2009
85 anos de idade
67 anos de vida religiosa
57 anos de sacerdócio